

Dizer a verdade? 4 cantos

****Instruções: ****Numere cada canto da sala de 1 a 4. Quando seu professor disser "Vai", faça sua escolha e caminhe até aquele canto. Em seguida, vire-se para um colega e explique sua escolha.

O seu melhor amigo esconde-se na biblioteca após quebrar um vidro sem querer. A diretora pergunta se você o viu. Você decide o que responder.

1. Conto tudo com detalhes.
2. Minto para protegê-lo.
3. Digo que não sei.
4. Fico em silêncio.

Flip to the end to read this passage

**Passage 1: É
incorreto mentir a
um assassino?**

Objetivo

Você será capaz de analisar como o imperativo categórico de Kant fundamenta a proibição da mentira, explicando o raciocínio moral por trás dessa norma.

Faça uma previsão. Mentir a um assassino é certo ou errado?

A seguir, vamos ler para descobrir!

É errado

É certo

Leia a Passagem

Flip to the end to read this passage

**Passage 1: É
incorreto mentir a
um assassino?**

Enquanto lê, pense em:

Por que Kant condena
qualquer mentira?



Compartilhe a MELHOR evidência do texto para apoiar esta afirmação:

Kant julga a mentira sempre imoral.

Flip to the end to read this passage

Passage 1: É incorreto mentir a um assassino?

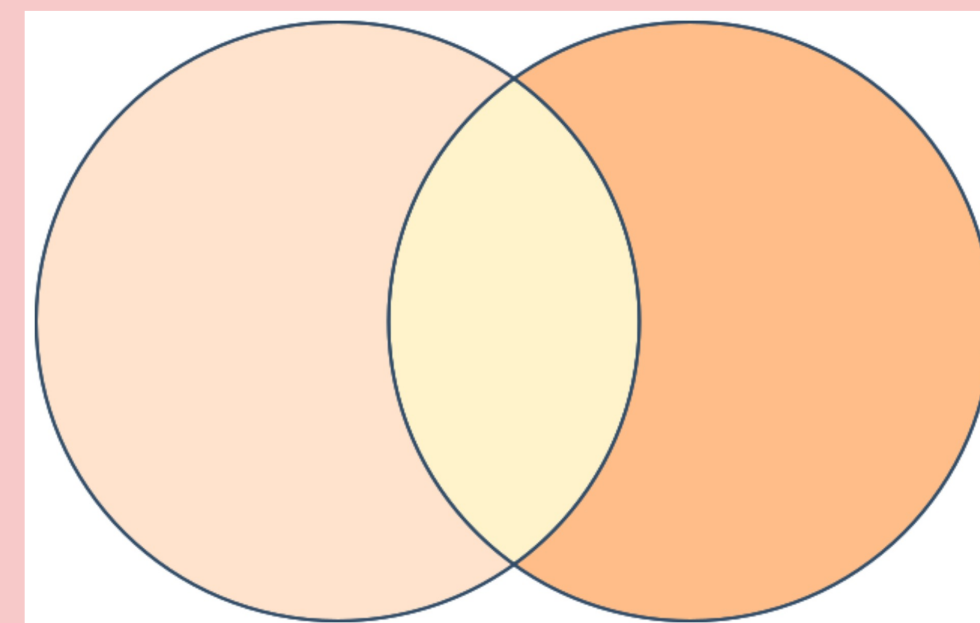
Vamos votar na MELHOR evidência para apoiar a afirmação!

Liste semelhanças e diferenças entre Kant e Constant sobre mentir.

Use o **diagrama de Venn** no quadro branco para mostrar seu raciocínio.

Kant

Constant



Mentira no Imperativo

1 Formular a máxima da ação

Descreva sua intenção: 'Quando quero proteger alguém, minto.' Isso é a máxima pessoal que guiará o teste racional de Kant.

2 Universalizar a máxima

Imagine um mundo onde todos, em situação parecida, mentem. A máxima se torna lei universal, válida para qualquer pessoa e ocasião.

3 Testar contradição lógica

Se todos mentem quando convém, a confiança nas palavras desaparece. Mentiras deixariam de funcionar; nasce uma contradição na própria prática da comunicação.

4 Concluir dever moral

Como a máxima falha ao virar lei, ela é moralmente inválida. Logo, pelo imperativo categórico, temos o dever incondicional de não mentir.

Três formulações

Universalidade

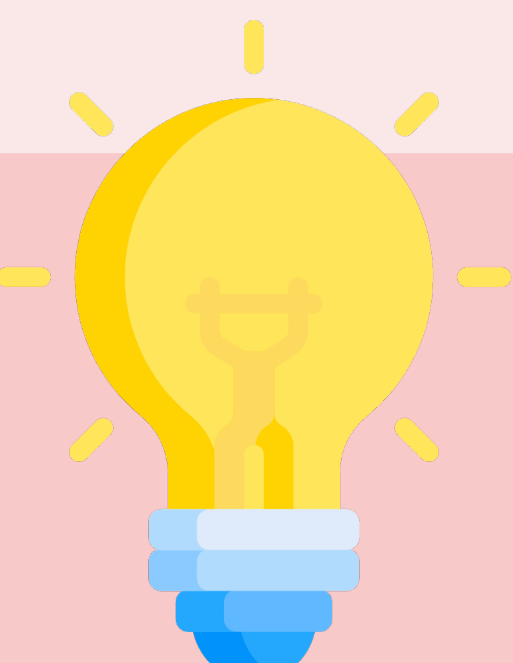
A ação é moral se sua regra puder valer para todos sem contradição. Mentir falha porque destruiria a confiança geral.

Humanidade

Devemos tratar toda pessoa como fim, nunca apenas como meio. Mentir usa o outro, pois manipula suas escolhas livres.

Autonomia

A vontade racional dá a si mesma a lei moral. Quando minto, submeto-me ao medo das consequências, negando minha própria autonomia.



As três formulações convergem contra a mentira. Elas mostram que a verdade protege razão, dignidade e autogoverno humano.

Consegue identificar o erro?

Um aluno aplica o imperativo categórico. Ele diz: “Se todos mentissem só para salvar vidas, a confiança não acabaria, pois a intenção é boa.” Ele conclui que a máxima de mentir para proteger alguém é moralmente válida.



Vamos votar nas melhores explicações!

Aplicação:
Vamos Aplicar

Kant VS Constant! Mentir ao assassino: dever ou defesa? Escolha um lado e convença.

Considere consequências e deveres. Vamos votar nas melhores respostas!

Você pode começar: Eu acredito que ____ porque...



Quem está correto?



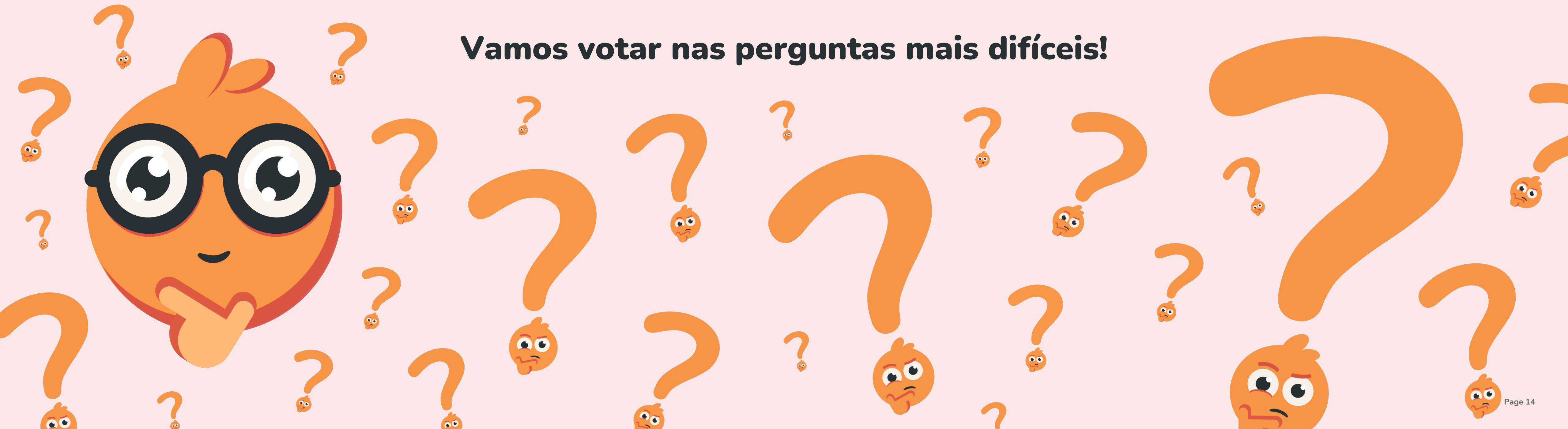
Kant

Constant

Deixe seus colegas perplexos

Crie a pergunta mais difícil sobre por que o imperativo categórico proíbe a mentira. Tente deixar a turma sem resposta!

Vamos votar nas perguntas mais difíceis!



É incorreto mentir a um assassino?

É incorreto mentir a um assassino?

Kant adota uma posição muito dura em relação à mentira. Na obra *Fundamentação da metafísica dos Costumes* a mentira é dada como principal exemplo do comportamento imoral. Mas suponha que um amigo estava escondido em sua casa e um assassino batia à porta à procura dele. Não seria correto mentir ao assassino? Kant afirma que não. O dever de dizer a verdade prevalece independentemente das consequências. Benjamin Constant, um filósofo francês contemporâneo de Kant, discordou desta atitude inflexível. O dever de dizer da verdade aplica-se, afirmava Constant, apenas a quem merece a verdade e, seguramente, esse não é o caso do assassino. Kant respondeu que mentir ao assassino é incorreto, não porque o prejudique, mas porque viola o princípio do direito: « A honestidade em declarações que não podem ser evitadas é um dever formal do homem para com todas as pessoas, por grande que seja o prejuízo que isso lhe possa causar ou a qualquer outra pessoa».

Como é óbvio, ajudar um assassino a cometer a sua má ação é um prejuízo «muito grande». Mas lembre-se de que, para Kant, a moralidade não tem que ver com as consequências, tem que ver com o princípio. Não pode controlar as consequências da sua ação – neste caso, dizer a verdade – uma vez que as consequências estão ligadas à contingência. Tanto quanto sabe, o seu amigo, temendo que o assassino estivesse no seu alcance, já se esgueirou pela porta dos

fundos. A razão pela qual tem de dizer a verdade, afirma Kant, não é o facto de o assassino ter direito à verdade, ou de uma mentira o prejudicar. É o facto de uma mentira – qualquer mentira - «viciar precisamente o fundamento do direito...Ser verdadeiro (honesto) em todas as declarações é, portanto, um mandamento sagrado e incondicional da razão que não permite subterfúgios de nenhuma espécie».

Parece uma posição estranha e extrema. Com certeza não temos o dever moral de dizer a um soldado nazi que Anne Frank e a sua família estão escondidas no sótão.(...)

M.J.Sandel, Justiça, Fazemos o que devemos? Presença, 2011, pp, 141-142

Moralidade de uma ação

<https://youtu.be/6DKhH4TWfSM?si=BdDpK9xO4LHJZ4wL>